

ROTINA EM ITAPOÃ

Eles é que vivem presos

Comerciantes do bairro investem em segurança, mas continuam com medo

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Na região onde ocorreu o assalto à jovem Cíntia Trancoso da Costa Pereira, 25 anos, em Itapoã, comerciantes afirmam trabalhar reféns da violência todos os dias. Diante da situação, sentem-se obrigados a investir na segurança que o poder público não lhes oferece. Não é difícil ouvir histórias de quem já

presenciou ou viveu um assalto. E o cenário, segundo eles, tem piorado nos últimos anos.

Eles reclamam com razão. No Estado, o número de assaltos subiu cerca de 15% entre 2010 e 2011, saltando de 3.939 casos para 4.315. As ocorrências de furtos seguem a mesma direção: o aumento, no mesmo período, foi de 9,5%. Foram quase 4 mil casos em 2011.

Com esse quadro, comerciantes evitam manter seus estabelecimentos abertos até a noite e bus-

cam a proteção de grades, câmeras, alarmes e seguranças particulares. Nada disso, porém, evita a surpresa de ser abordado por assaltantes armados.

O proprietário de um Pague-Fácil localizado próximo ao estabelecimento que pertence a Cíntia diz que perdeu a conta de quantos assaltos já sofreu no local. “Quando vejo alguém chegar correndo, com arma, já me escondo debaixo do balcão para não ser atingido”, conta ele, que não quis se identificar. O balcão é protegido

por grades de ferro, mas o empresário conta que vai substituí-las por vidros de larga espessura. “A coisa está banalizada. Não existe mais ponto comercial seguro, nem local nem hora. Se a gente não se proteger, nem tem como continuar trabalhando”, diz.

POR POUCO

Em maio passado, a vendedora O. foi surpreendida por uma bala perdida na loja de roupas onde trabalha, também em Itapoã, durante tiroteio na esquina da Avenida Resplendor

com a Rua São Paulo. “Só vi a bala poucos centímetros à minha frente. Uma cliente gritou, dizendo que era tiroteio, e me abaixei”, lembra. Com o impacto do tiro, parte do vidro quebrou. Outro pedaço já estava trincado, porque a loja havia sofrido uma tentativa de arrombamento na noite anterior.

“De dois anos para cá a coisa piorou muito. Já socorri uma menina que foi assaltada em frente à loja. À noite, procuro sair daqui com outras pessoas, porque é muito perigoso”, frisa.

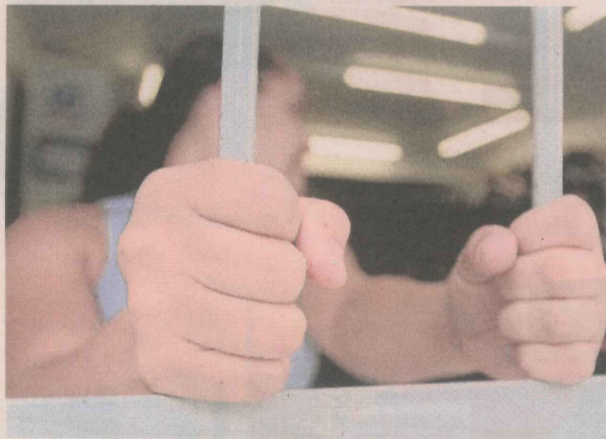
500 PMs para toda a cidade

«A segurança dos mais de 414 mil moradores de Vila Velha – número do último Censo – é feita por 500 policiais militares. Cerca de 60% deles estão nas ruas; e o restante, na parte administrativa. Dividido em cinco grandes regiões nos 242 km², o município conta com cinco companhias da PM, com 100 militares cada uma.

Grades e portas fechadas mesmo durante o expediente

Na lavanderia onde A. trabalha, na Praia da Costa, também em Vila Velha, a solução encontrada pela ex-proprietária do estabelecimento foi colocar grades na entrada da loja. A decisão, segundo a atual gerente, foi tomada após um assalto ocorrido na loja durante a noite.

“O bairro está ficando mais perigoso. Ontem mesmo (terça-feira), vi dois homens correndo e gritando que era um assalto aqui na frente. Os clientes também reclamam muito da insegurança. Felizmente, nunca fui assaltada aqui, mas a gente nunca sabe o que pode



Lavanderia foi alvo de criminosos durante a noite

acontecer”, lamenta.

Para aumentar a segurança, a porta da loja não fica aberta o tempo todo. Os funcionários é que

acionam a abertura depois de verem o cliente que está do lado de fora. À noite, é o sistema de alarme que reforça a segurança.

Câmeras não inibem ação de assaltantes em farmácia

FOTOS: RICARDO MEDEIROS

Nem as câmeras de vídeo instaladas no interior da farmácia impediram que assaltantes apontassem uma arma para o farmacêutico Jardel Milli, de 29 anos, há cerca de dois anos. E esse foi apenas um dos dois assaltos ocorridos no estabelecimento, localizado em Itapoã.

“O policiamento no bairro é muito precário, principalmente à noite. Até uma bicicleta usada na entrega de medicamentos foi roubada aqui na frente, mesmo estando amarrada com cadeado. Não temos segurança alguma”, conta.

Segundo ele, nem sempre o assaltante chega



Jardel Milli ficou sob a mira de arma durante assalto

ameaçando os funcionários e clientes. “Uma vez, um rapaz chegou aqui, ficou esperando um cliente sair e, depois, foi ao balcão

mostrando a arma, comunicando que era um assalto, na maior calma. A gente nem tem como reagir”, explica Milli.

“Só aumento de patrulhamento não resolve”, diz secretário

O secretário de Estado de Segurança Pública, Henrique Herkenhoff, reconheceu a falta de policiais e afirmou que só o aumento do policiamento ostensivo não é capaz de resolver a violência no Estado. Segundo ele, o problema é consequência de deficiências históricas em investimentos em segurança. Mas diz que as polícias Militar e Civil já estão recebendo reforços no efetivo e que os resultados serão alcançados a longo prazo.

Como evitar casos como os dos últimos dias, em que pessoas foram baleadas após assaltos?

Só aumento de patrulhamento ostensivo não resolve. Estamos tendo um aumento do patrulhamento, mas precisamos apostar em outras formas de atuação do policial, como os serviços de inteligência e de investigação. Temos que trabalhar outras modalidades de patrulhamento ostensivo, bicicletas, motos e a cavalo.

Como o governo trabalha para suprir a falta de investimentos em segurança nos últimos anos?

A segurança pública sempre foi o patinho feio. Nunca se investiu adequadamente, e estamos tendo

um ritmo de investimento bastante forte. Foram R\$ 70 milhões no ano passado, e esse deve ser o ritmo dos próximos anos.

Essa falta de investimentos também reflete no número de policiais?

O efetivo não só se manteve nos últimos anos como também envelheceu. Agora, estamos recompondo o quadro e dando um gás de uma geração nova.

Qual o número de policiais na ativa hoje?

São 7.760 militares e 2.354 civis. Mas cerca de 10% não atuam no policiamento. Nossa meta é



Para Herkenhoff, é preciso investir em investigação

reduzir esse índice.

Qual seria o número ideal de policiais?

Hoje, temos um policial para cada grupo de 370 habitantes. A ideia é ter um policial por 300 habitantes até o final deste governo.

MARCOS FERNANDEZ - 27/12/2011

balhando. Mais 80 delegados devem tomar posse até o segundo semestre. Além disso, um concurso com previsão de 250 vagas para agentes já foi confirmado.

Ações do programa Estado Presente refletem em aumento do crime em áreas nobres? Há “migração” do crime?

Não é isso. São dois casos muito chocantes (o secretário refere-se à tentativa de latrocínio contra Cíntia Trancoso e à morte de Renato Guerra, em Vila Velha, pois a entrevista foi concedida antes da morte de Nilda Gonçalves, na Serra), mas não dá para falar em tendência. Em 2011, houve menos latrocínios que em 2010. Nesses casos, houve atuação rápida da polícia. Suspeitos foram presos.